NUMERO 183 SABBADO 11 DE AGOSTO VII ANNO — 1860

O Commercio do Porto.

ASSIGNA-SE no escriptorio do expediente, RUA DA FERRARIA DE BAIXO n.º 108 — Preço da assignatura, por trimestre 1$500 réis — PROVINCIAS, trimestre (franco) 1$900 réis — BRAZIL, pelos paquetes, 6$750 por semestre — NUMERO AVULSO 40 réis — No mesmo escriptorio recebem-se os annuncios e correspondencias francas de porte — ANNUNCIOS E CORRESPONDENCIAS, por linha, 40 réis — repetidos 20 réis — ANNUNCIOS DE SAHIDA DE NAVIOS, cada vez, 120 réis — PUBLICAÇÕES LITTERARIAS o seu importe recebe-se em obras, e sendo pagas tem 25 por cento de beneficio — OS SNRS. ASSIGNANTES gozarão em todos os referidos annuncios, do BENEFICIO de 25 por cento — Qualquer artigo em relação com o programma d'este jornal, será publicado gratuitamente — Escripto mandado á redacção, seja ou não publicado, não será entregue — Publica-se todos os dias não santificados.

PROPRIETARIOS: H. C. MIRANDA — M. S. CARQUEJA

PORTO 11 DE AGOSTO.

COMPANHIA DE ILLUMINAÇÃO A GAZ.

Publicámos já o relatorio da direcção da companhia de illuminação a Gaz n'esta cidade. Pelo relatorio já se deprehendia o serviço de apreciar que a direcção que geriu no ultimo anno havia prestado á companhia. Damos hoje o parecer da commissão de contas, que vem robustecer o conceito que o relatorio inspirára.

Esta companhia começa a entrar no verdadeiro caminho, que ha-de conduzil-a á segurança do lucro annual ao capital associado. Passou ella por um periodo desanimador que chegou a crear desconfianças no seu resultado. Hoje essa desconfiança vai diminuindo, e a procura das acções vai-se restabelecendo de abandonada que chegou a estar.

As companhias d'esta natureza tem dado lucros seguros nos paizes estrangeiros. Foi por esta idéa e pelo calculo de probabilidades animadoras, que a illuminação a gaz no Porto encontrou toda a disposição nos capitalistas. Não entrou comtudo no numero d'essas probabilidades a perda no trocinio a que um estabelecimento novo entre nós devia obrigar os creadores d'elle. A promessa do pagamento do juro em epocha certa aos accionistas era um incentivo para attrahir os capitaes, mas um erro que se lançava no estatuto; porque será sempre erro nas companhias a distribuição de juro á custa do capital.

Mas a companhia reconheceu o caminho errado que seguia, reformou convenientemente o seu estatuto, aproveitou-se da experiencia e que já devia conselhos efficazes; melhorou o trabalho material do estabelecimento; acabou com algumas irregularidades de administração; introduziu a possivel economia na despeza, e por fim suspendeu o juro aos accionistas até que a posição da casa o permittisse.

Por esta fórma a companhia póde dizer-se mudou de face, e ergueu-se do abatimento em que se hia precipitando. Não póde ser rapida a transicção, mas continuando o mesmo zêlo e esforço, não deve estar longe a epocha em que as acções da Illuminação a Gaz offereçam um dos melhores empregos de capital n'esta Praça.

Não podemos deixar de offerecer o nosso elogio á direcção do anno findo, a qual o bom senso da assemblea geral reelegeu para o anno corrente. O parecer da commissão de contas mostra bem a justiça da nossa

SENHORES

A commissão que elegestes para o desempenho do disposto no artigo 16.º dos estatutos d'esta companhia, vem hoje apresentar-vos o resultado dos seus trabalhos.

Examinou a escripturação, que achou regular e conforme aos balanços apresentados pela direcção.

A commissão não julga inconveniente na publicação mensal do balanço e contas da companhia, comtanto que não haja por isso augmento de despeza.

A commissão julga digna de louvor a actual direcção pela diminuição espontanea nos juros sobre os dinheiros suppridos pelos snrs. directores.

A commissão está convencida da grande conveniencia para a companhia o ter sido a sua caixa supprida á proporção das suas necessidades, liquidando mensalmente a conta dos juros respectivos, os quaes só são pagos no fim de cada anno. Porém, comb a prosperidade progressiva d'esta companhia, devida sem duvida á sua boa gerencia, póde inspirar confiança a alguns capitalistas, que julguem ser um meio seguro de empregar os seus capitaes, o emprestal-os á companhia; entende a commissão que deve recommendar-se á futura direcção, que receba quaesquer dinheiros que queiram emprestar-lhe para supprimento da caixa, com as mesmas condições, a que teem sido feitos os supprimentos pelos actuaes directores, e com menor juro.

A commissão visitou a fabrica, e com quanto não lhe seja possivel, em tão pouco tempo, avaliar os melhoramentos que o novo engenheiro o snr. Antonio Maria Tavares tem introduzido no processo do fabrico do gaz, notou comtudo o bom arranjo da fabrica, e tudo na melhor disposição, conhecendo-se pelas contas dadas, que effectivamente as despezas da fabrica teem diminuido depois que aquelle snr. a administra.

O estabelecimento dentro da fabrica das officinas dos contadores, e mais objectos necessarios para a illuminação da cidade e dos particulares, deve necessariamente ser de muita vantagem não só pelo melhor desempenho das mesmas obras, e immediata fiscalisação nos contadores, mas tambem pela economia; esta, porém, não póde avaliar-se com precisão, porque tendo sido as officinas estabelecidas em maio d'este anno, e havendo grande variedade nos trabalhos conforme as estações, será necessario passar um anno completo para comparar as despezas das officinas com as que antes do seu estabelecimento se pagavam pelas obras que hoje alli se fazem.

A commissão viu a casa pertencente ao snr. Manoel José Bato, e julga que a direcção deve ser authorisada a comprar a, assim como a que lhe está contigua, quando seu dono se disponha a vendel-a por um preço rasoavel; e muito conveniente seria que fosse a tempo de evitar a necessidade da construcção do grande silheiro para recolher o carvão.

A commissão julga dever recommendar-se á futura direcção que empregue a sua especial attenção para evitar as extravazações do gaz, e que tenha sempre em vista a melhor perfeição na sua fabricação, pois disto é do augmento dos consumidores particulares, é que está principalmente dependente a prosperidade da companhia.

Com quanto visivelmente tenha melhorado o estado da companhia, elle ainda não é como se desejára, pois teem sido grandes as difficuldades que não estão de todo vencidas, por isso não póde a commissão deixar de pronunciar-se ainda d'esta vez pela mesma deliberação tomada pela assemblea geral no anno proximo passado — que fiquem em divida, por mais um anno, os juros das acções, que determina o artigo 3.º dos estatutos.

A commissão é de parecer que sejam approvadas as contas que a direcção apresentou, e os actos da sua gerencia.

Porto 28 de julho de 1860.

Guilherme Augusto Machado Pereira,
Antonio Joaquim Borges de Castro.

Extracto da acta da assemblea geral de 28 de julho de 1860, na parte que diz respeito á apresentação, discussão e approvação do parecer de exame de contas.

« Sendo o objecto d'esta reunião a apresentação do parecer da commissão revisora « e sua discussão, e a eleição da nova direc« ção, o snr. presidente convidou os membros « da referida commissão que se achavam pre« sentes, a darem leitura do seu parecer.

« O snr. Justino Ferreira Pinto, membro « da commissão, leu o parecer que foi ouvi« do com respeitosa attenção, e, entrando « em discussão, foi unanimemente approvado. »

Francisco de Paula Silva Pereira,
Secretario.

BANCO VINHATEIRO.

Amigos redactores.

O artigo sobre vinhos, publicado no vosso jornal de 6 do corrente, no qual stigmatisaes com duvida justiça, o retrogrado parecer da commissão da camara dos pares, no addiamento da lei sobre a liberdade de commercio de vinhos, convence-me cada vez mais do vosso patriotismo e interesse com que sempre tendes advogado os melhoramentos do nosso paiz, ao passo que me desperta a ideia da necessidade que a lavoura e commercio tem de tomarem immediatamente a iniciativa, ajudados dos capitalistas, sem esperarem mais tempo por medidas legislativas, que ainda que algum dia venham a lume, talvez não possam remediar o mal causado, por serem tardias.

Todos sabem que as casas regulares exportadoras, tanto nacionaes como estrangeiras, tem tido sempre a peito o conservarem o bom nome e reputação do nosso vinho fóra do paiz, carregando vinhos preparados para garrafa e immediato consumo; entretanto algumas d'estas mesmas casas, e alguns exportadores de occasião, não deixam de receber ordens para carregarem vinhos grossos, encorpados, adoçados, e geropigas, os quaes de per si só não são potaveis, e vão portanto servir de adubo para os vinhos baixos francezes, do Cabo, hespanhoes, etc, que assim lotados pertendem fazer passar por vinho do Porto, dando por este modo causa á depreciação em que está, e de ahi provem o não se encontrarem nas casas de bebidas e hoteis em Inglaterra, vinhos genuinos, excepto por preços exorbitantes, como com a maior veracidade e conhecimento local, o exc.mo barão de Massarellos, tem explicado nas suas cartas a essa redacção.

No interesse geral, relevem pois o incommodal-os com algumas linhas, para mostrar quanto se torna urgente a creação immediata d'um Banco Vinhateiro, rural, ou com qualquer outra denominação, mas creado de fórma que utilise e reuna os interesses de todos.

E' n'este sentido, pois, que estou trabalhando na confecção dos estatutos do Banco Vinhateiro, desenvolvendo o pensamento da minha carta de Lourres, publicada no vosso jornal de 7 de março do anno passado, e tendo achado as convicções formadas emquanto á necessidade do estabelecimento d'um Banco d'esta ordem n'esta cidade, vou abraçando os pensamentos e ideias das pessoas competentes na materia, tendo com a approvação das mesmas chegado ao seguinte resultado, que me apresso a publicar, para que não se propale a idéa de que um tal estabelecimento possa ferir interesses creados. Se os armazens das actuaes casas de vinhos, pela sua respeitabilidade, tem um certo nome, o Banco, que não exportará outros vinhos, que não sejam interinamente genuinos, em breve adquirirá o mesmo nome, e cahindo por terra, principalmente em Inglaterra, a depreciação em que os nossos estão, o consumo alli de certo

Os commerciantes de vinhos egualmente, pelo facto de se ligarem ao Banco, ficam sendo accionistas, quer os vinhos sejam tomados por avaliação, ou vendidos de sua conta e risco. Receberão adiantamentos sobre os vinhos quando exportados, e chegados ao porto de seu destino, conferindo com as amostras, e approvados pela agencia fóra do paiz, mesmo antes de vendidos, poderão receber cerca da sua avaliação.

Os capitalistas perceberão 5 por cento de juros sobre as acções, e os lucros que lhes competirem na proporção das suas acções, garantido o capital e juros pelos generos.

Já se vê, pois, que o Banco compõe-se de lavradores, commerciantes e capitalistas, sendo os ultimos accionistas de numerario, e os primeiros accionistas de vinhos.

O Banco venderá os seus vinhos em todos os mercados fóra e dentro do paiz, pois os que não estiverem em estado de se exportarem serão vendidos para consumo.

O Banco abrindo estabelecimentos seus fóra do paiz, com vinhos genuinos, generalisa a venda dos mesmos, augmentando d'esta fórma a exportação geral, a qual será de certo partilhada pelas casas exportadoras, que terão occasião de duplicar ou triplicar as suas transacções, visto que então não terão a temer a concorrencia dos vinhos espurios preparados em Inglaterra.

O Banco, com ideas perfeitamente liberaes, considera todos os accionistas como pessoas da maior respeitabilidade, sobretudo, sendo as transacções todas voluntarias, os accionistas de vinhos, terá a escolha ou de os venderem de sua conta, ou de entrarem com elles por avaliação para a massa do Banco, percebendo d'um ou outro modo os dividendos dos lucros, na proporção da importancia com que contribuiram.

O Banco perceberá uma percentagem sobre todas as transacções, juros sobre adiantamentos etc., etc.

Sem tempo para mais, acreditem-me, amigos redactores,

Amigo velho e obrigado,
L.

PARTE OFFICIAL.

SYNOPSE DA PARTE OFFICIAL DO DIARIO DE LISBOA N.º 180 DE 9 DE AGOSTO.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Annuncio para venda de foros incorporados na fazenda nacional no dia 7 e 10 de setembro, perante o governador civil de

INTERIOR.

LISBOA, 9 DE AGOSTO.

(Corresp. part. do «Commercio do Porto.»)

El-Rei o snr. D. Pedro V, no proposito constante de aproveitar utilmente o tempo, honrou hontem a Casa Pia com uma visita.

Este beneficio estabelecimento está passando por completa transformação, desde que o snr. José Maria Eugenio d'Almeida é seu provedor.

As grandes reformas encontram sempre grandes opposições. Assim tem acontecido n'este caso. Conhecemos poucos homens dotados de mais qualidades reformadoras e organisadoras do que o snr. Eugenio d'Almeida. Uma das intelligencias praticas do nosso tempo, o bondoso S. Romão, dizia que Eugenio d'Almeida, para gloria da nossa terra, devia permanecer pobre toda a vida. E tinha razão. Na tribuna ou na imprensa, poucos se podem medir com elle na vasta e escolhida leitura, no vigor da intelligencia, e no acerto incontestavel das ideias. Para a sua posição e para os seus habitos, aceitar aquelle pesado encargo, foi abnegação e bizarria ao mesmo tempo. Não lhe devem ter faltado os desgostos. Cada golpe no abuso, levanta uma calumnia, ou incita uma inimizade.

Em taes termos a visita de El-Rei foi a proposito. E o estudioso monarcha, a quem não é estranha a missão complexa dos institutos de caridade e educação popular, faria justiça, na sua alta imparcialidade, ás reformas realisadas, e ás que se intentam. Rei que vê pelos seus olhos, julga sempre rectamente os homens e as cousas.

Ha precursores de reformas a quem não perdoa a impiedade da rotina. Uma votação recentissima das Academia das Bellas Artes de Lisboa, lança a este respeito algumas apprehensões em nosso espirito.

E' raro em Portugal o concurso que da primeira vez sahi obra limpa.

O segundo concurso para a substituição da aula de esculptura, votado hontem, está n'este caso. Da primeira vez não póde dar comsigo na secretaria do reino sem avaria que lá não teve concerto.

Desta segunda vez houve empate na votação entre dous candidatos, os snrs. Reis e Victor Bastos. A lei confere ao director a escolha, ou deixal-a para o snr. ministro do reino, mas o snr. director da Academia, não cedendo do seu direito, escolheu o primeiro. Dizem-nos que é moço estimavel, estudioso e com aptidão para a arte; mas que lhe não accendeu Deus na alma aquella vocação decidida com que o snr. Victor Bastos ceifou as palmas da fama publica.

Ha nesta muito leal cidade de Lisboa, como em quasi toda a parte, irmandades do louvor, mais unidas e festivas do que muitas do Santissimo ou das Almas.

Quando os elogios apparecem vasados em certos moldes, verdade, verdade, desconfiamos delles. Quem não é pratico destas barras da imprensa, onde os mergulhadores quebram mais facilmente a cabeça do que as pedras obstruentes, não falta quem ponha de quarentena os louvores provenientes de certos portos, não obstante a carta limpa que os acompanha.

Ora no que se tem escripto em elogio de Victor Bastos, não é assim. As obras deste esperançoso esculptor fallam mais alto do que os louvores publicados. Quem os tiver lido póde, ante as obras do snr. Bastos, vêr e crêr.

Mas que remedio ha de isto agora ter? perguntam alguns que presam as artes e os artistas.

Um só. Reformar a Academia com intelligencia, justiça e acerto; ou deixal-a como está, se não se ir reformal-a com inepcia, desfavor, e sem criterio.

As bellas artes não andam tão descuidadas no reino como certa gente pensa. Olhem para as philarmonicas, que promovem a sociabilidade, cultivando o espirito e adoçando os costumes. Nas cidades, nas villas, nas fabricas, a muzica vae sendo apreciada com singular attenção.

Lisboa terá, de sabbado em diante, um divertimento que será bem proveitoso nesse sentido.

As ferias da estação suscitaram a muitos dos nossos professores de muzica a ideia de tomarem a bella sala do Café Concerto para executarem differentes muzicas.

Estes novos concertos bem se podem chamar populares, pela modicidade do preço da entrada, que será todas as noutes, durante a semana, 300 réis; e aos domingos de manhã 200 réis. Os professores, por emquanto, são 70. Dezejavamos que o numero fosse mais avultado, e que se executassem algumas peças muzicaes com os córos.

Em uma correspondencia diaria como esta nossa, é admittido fallar em muzica; mas não é possivel conservar harmonia.

Para o salto não ser tão grande fallemos de contradanças... militares, sempre caras ao thesouro, e incommodas ao exercito, ao qual não sobra a paga.

Entraram tres corpos em sorteio para um d'elles ir render á ilha da Madeira, o 10.º regimento de infantaria. Coube a sorte ao regimento 7, que mandará o primeiro batalhão com a musica para a ilha, e o 2.º batalhão para a praça de S. Julião da barra. O 10 quando regressar volta para o

A MÃO MALEFICA

POR

HENRI CONSCIENCE.

(Continuado do n.º 182.)

Duas mulheres, que não acreditavam na realidade d'estas apparições, tomaram uma vez a audaciosa resolução de velar, junto do seu leito até que ella adormecesse. Ellas não viram a feiticeira; mas ao dar a meia noute, a rapariga adormecida abriu olhos brilhantes, e soando abundantemente e com gritos roucos e assustadores, poz-se a luctar e a debater-se contra um ser invisivel que lhe devia pezar sobre o peito, e a sua physionomia tomou por fim uma tal expressão de angustia, que as duas mulheres espantadas fugiram do quarto.

Estes soffrimentos continuos e inexplicaveis não impediam Thereza de se entregar aos seus trabalhos habituaes. Considerava o seu estado como uma sorte inevitavel, e ainda que deixasse os seus visinhos consultar os medicos e procurar remedios para os seus males, parecia ficar indifferente aos seus esforços. Comprehende-se de certo que todos os charlatães, todos os possuidores de segredos contra a bruxaria, tinham sido consultados a este respeito. Tinham-se pronunciado todas as especies de palavras em linguas conhecidas e desconhecidas, sobre a joven doente; tinha-se deitado com um sapo vivo na mão; tinham-se posto dois ossos humanos em cruz aos pés da cama; tinha-se posto debaixo do travesseiro, durante seis mezes, uma d'estas membranas, que algumas crianças trazem na cabeça quando nascem, e trazia ao peito um bocado de corda que tinha servido para enforcar um assassino. E todavia tudo isto não tinha servido de nada; a feiticeira continuava todas as noutes a pisar sob seus joelhos e a martyrisar a desgraçada rapariga.

Pelos fins de 1839, Thereza estava de tal modo magra e enfraquecida, que já se não tinha em pé senão com difficuldade, e cada dia parecia ser o ultimo da sua vida. Apresentava inteiramente o aspecto d'um esqueleto vestido; as faces tinha as cavadas; os olhos brilhantes enterrados na orbita, e os dedos delgados estalavam como ossos despojados de carne.

Por esta epocha souberam os visinhos por uma aldeã, que entre Zoersel e Schilde, no meio do mato, habitava um velhinho que tinha poder contra todo o sortilegio, e sabia livrar da mão malefica e de todo o máu fado. A aldeã contou como o velho tinha desenfeitiçado as suas vaccas, como tinha livrado da mão malefica o filho de seu irmão, e muitos outros factos maravilhosos que decidiram os visinhos a experimentarem ainda uma vez, se este homem poderia vir em auxilio de Thereza.

Mandaram a Schilde procurar o velho, e este, depois de muitas instancias e supplicas, veio a Borgerhout com o mensageiro. Como todos os septuagenarios, tinha as costas curvadas, os cabellos brancos, as faces cavadas e seccas, e os olhos profundamente enterrados. Comtudo a sua physionomia não faltava uma certa nobreza, e lia-se-lhe n'ella a finura e a manha. O seu andar era lento, os seus passos medidos e o seu olhar constantemente fixo no chão.

Quando entrou no quarto de Thereza, estavam ahi algumas velhas e eu tambem. A rapariga não se commoveu á chegada do novo fazedor de milagres, e considerou-o com indifferença e incredulidade. Elle, sem reparar nella, foi successivamente murmurar a todos os cantos do quarto algumas palavras incomprehensiveis, tomou do fogão dous tissões inflammados, pol-os em cruz junto da porta, e só então veio collocar-se diante da rapariga. Depois de lhe ter um instante olhado para os olhos, dirigiu-lhe com uma voz, cujo timbre era exquisito, as seguintes perguntas:

Minha filha, uma mão malefica poisou sobre vós.

— Bem o sei.

Não tendes nada na consciencia?

— Oh! não, vou confessar-me todos os mezes.

Não vos amaldiçoastes a vós mesmo?

— Ainda menos.

Não sabeis se vosso pai ou se vossa mãi vos amaldiçoou alguma vez?

— Não sei; eram muito meus amigos e morreram cedo.

Nunca acariciastes um gato preto?

— Não.

Nunca parastes á meia noute n'uma encruzilhada.

— Nunca.

Então, talvez tenhaes razão para crêr que a velha vos enfeitiçou.

— Oh! quanto a isso, não tenho duvida.

Quereis ser livre?

— Isso não se pergunta.

Respondei-me!

— Sim, quero ser livre.

O velho foi silenciosamente acocorar-se ao pé do fogo, e olhou fixamente para as crepitantes labaredas, parecendo fallar a um espirito invisivel.

E' inutil pintar-vos a anciedade e o terror das mulheres que lá se achavam: todas estavam pallidas, trémulas, e olhavam umas para as outras com um modo interrogador e interdicto. As mais timidas teriam de boa vontade sahido do quarto; mas nenhuma ousava transpôr os tissões inflammados, sabendo que a que fosse feiticeira alli quebraria infallivelmente a cabeça. No entretanto, o quarto tinha-se enchido de fumo; as pobres mulheres suffocavam, e suavam a bom suar com os esforços que faziam para não tossirem.

Finalmente, no fim d'um quarto de hora, o velho levantou-se, e, voltando para diante da rapariga, recomeçou a fallar nestes termos:

Minha filha, conheço agora o vosso mal e aquella que poz sobre vós a mão malefica.

— E a velha feiticeira?

— E.

— Oh! bem o sei.

— Posso livrar-vos, mas só por uma lucta de vida ou de morte. Dizei-me: se morrerdes em quanto eu me esforçar por vos livrar da mão malefica, arguir-me-heis no dia do juizo final? Carregareis com isso a minha alma?

— Oh! não; não estou eu condemnada a morrer se vós me não livrardes?

— E' isso o que decidis?

— Sim.

O velho voltou-se para as mulheres espantadas, e disse:

— Desejaes todas que esta rapariga seja livre? Pois bem, posso cumprir essa obra; mas para a levar a bom fim tenho precisão d'uma cousa que não posso encontrar senão no cemiterio d'uma aldea do territorio de Waes, do outro lado do Escaut. Eu podia fazer a viagem á minha custa; mas ella deve ser feita com dinheiro expressamente dado para isto.

— Mas, perguntou então uma velha que tinha talvez vontade de se metter na magia negra, mas não podemos saber de que precisaes? Poderiamos talvez procurar-vol-o?

— Impossivel! respondeu o velho. E-me preciso musgo que tenha crescido n'uma caveira de morto ha cem annos. Onde iriei vós procural-o? Sei no territorio de Waes d'uma aldea onde está um velhissimo carneiro, e onde alguns ossos de mortos centenarios estão mettidos pela parede da igreja. E' ahi que me é necessario ir, á hora da meia noute, raspar o musgo com uma faca nova, pronunciando certas palavras. Assim, se quereis

O COMMERCIO DO PORTO.

Quarta feira 29 de julho de 1859

NOTICIARIO.

Bombeiros — O snr. Francisco d'Oliveira Chamiço, dignissimo commandante em chefe, pelo circulo commercial d'esta cidade, veiu hontem, com a natureza de grandes peripecias, participar-nos que os bombeiros municipaes, sob a sua direcção, haviam conseguido apagar o incendio que, pelas 11 e meia horas da manhã, irrompera no predio n.º 721, contiguo ao da fabrica de Mysericordia de Lisboa, e pertencente ao hospital de Santo Antonio.

Accidentes d'afflicção. — No dia 1.º do corrente, pelas 3 horas da tarde, Thomaz Maria Bessone — na rua do Telheiro, n.º 21, concelho dos Olivaes.

Um de nós abriu a porta, e para ohe-gar mais depressa á rua, desceu as escadas n'um pulo [illegible]

Ficamos ainda mais convencidos quando, com uma voz firme, mas que penetrava o coração, e desesperada, repetiu as mesmas palavras á sua inimiga invisivel:

— Escaramin-vos: não fui eu que chamei o homem. Oh, largai-me! Ireis-me dizer o que deseja? Direi que não ha ninguem aqui, e que se retire.

Comprehendemos então que havia alguem, e apenas tinha força para mover a cabeça e os labios.

Tudo isto nos passou n'um instante, e a nossa resolução foi tomada.

Tinhamos de ir ao encontro do perigo, e não esperar que elle viesse ter comnosco.

Sahimos, e dirigimo-nos para a escada, que ficava ao fundo do corredor.

Ao chegarmos ao patamar, ouvimos distinctamente uma voz de homem, que dizia:

— Não tenho medo, não tenho medo! Ninguem me ha de tirar daqui!

Era a voz de um homem, mas tinha uma entonação tão estranha, que nos fez estremecer.

Descemos a escada, e chegamos ao primeiro andar, onde ficava a porta do quarto, d'onde partia a voz.

Estava fechada, mas a chave estava por fóra.

Abrimos a porta, e entramos.

Era um quarto pequeno, mobilado com alguma decencia.

Ao fundo, junto da janella, estava uma mulher, que nos pareceu ter uns 30 annos, e que, ao ver-nos entrar, se encostou á parede, e ficou immovel.

Era alta, e tinha uma physionomia muito regular, mas os seus olhos tinham uma expressão de loucura, que nos fez estremecer.

Estava vestida com uma bata de chita, e tinha os cabellos soltos.

Ao ver-nos, começou a gritar:

— Não me matem! Não me matem!

Ficamos sem saber o que dizer-lhe, e ficamos tambem immoveis.

Ella, vendo que não nos aproximavamos, começou a gritar com mais força:

— Não me matem! Não me matem!

Um de nós, vendo que não podia fazer-se entender, disse-lhe:

— Não tenha medo, minha senhora, ninguem lhe quer fazer mal.

Ella, ouvindo estas palavras, olhou para nós com uma expressão de duvida, e depois, com uma voz fraca, mas que penetrava-nos do fundo da alma, disse:

— Não me matem, não me matem!

Ficamos ainda mais convencidos que ella estava louca, e que tinha sido victima de algum attentado.

Um de nós, vendo que ella se não socegava, e que não podia fazer-se entender, disse-lhe:

— Socegue, minha senhora, ninguem lhe ha de

Vicente Leite de Faria — Instrucção primaria, nemine.
Nuno Henriques Corrêa e Silva — Instrucção primaria, nemine.
Joaquim Gonçalves Reis — Instrucção primaria, nemine.
Manoel de Moura Junior — Instrucção primaria, nemine.
Joaquim Moreira da Cama — Grammatica lingua franceza, nemine.
Henrique Joaquim Corrêa e Silva — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Francellino Antonio Dias — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Antonio Ferreira da Costa — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Claudio Antonio d'Oliveira Basto — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Ernesto Augusto de Freitas — Grammatica e lingua franceza, nemine.
José Joaquim Gonçalves Reis — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Augusto de Souza Machado — Grammatica e lingua franceza, nemine.
José Fernandes Ribeiro Junior — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Manoel José Galhano — Grammatica e lingua franceza, nemine.
Eugenio Accursio Ferreira dos Santos — Grammatica e lingua franceza, nemine.
José Mendo Coelho Fragoso — Grammatica e lingua franceza, simpliciter. Sem consentimento do director.
José Augusto da Silva Seixas — Grammatica e lingua ingleza, simpliciter.
Antonio Pinto Barboza — Grammatica e lingua ingleza, simpliciter.
Eduardo Julio Ferreira da Oliveira — Grammatica e lingua ingleza, simpliciter.
Manoel Alves Ferreira — Introducção aos 3 reinos, nemine.
Antonio Machado Guimarães — Introducção aos 3 reinos, nemine.

Quatro ..... Recepto, Dulce mihi furare est, amico.

No regresso d'amigo ao patrio lar
Apraz-me d'alegria transbordar.

Hontem, ás 8 horas e meia da manhã, teve logar a pomposa entrada do exc.mo visconde de Pindella n'esta cidade. Foi ella uma verdadeira ovação, tanto mais gloriosa para s. exc.ª quanto foi espontanea e geral. Todas as classes porfiaram em dar ao zeloso, activo e intelligente procurador do povo, testemunhos de que reconheciam ter elle comprehendido e desempenhado perfeitamente o seu mandato. Levar-nos-hia muito longe o empenho de descrever minuciosamente este festejo civico, e portanto, succinto o esboçaremos.

A's 8 horas uma salva de morteiros e uma estrondosa girandola, deu signal de que já do monte da Senhora da Luz se avistava em Silvares o luzido sequito; e passados alguns minutos d'ahi, e successivamente de varios pontos até esta cidade, subiram e eccoaram nos ares centenares de foguetes. Aos Pombaes estava postada uma banda de musica que, começando a tocar um lindo e bem ensaiado hymno dedicado ao nobre visconde de Pindella, pelo habil e portentoso professor o rego Carvalho, o veio repetindo, precedendo sempre o prestito. Na rua de Entre os Regatos estava um arco elevadissimo e bem decorado, que ahi tinham erigido os pobres, mas agradecidos artistas. Por todas as ruas, e principalmente na praça do Toural, o concurso era immenso, e as janellas estavam apinhadas de gente. Ao embocar do Toural, na rua de Traz do Mosteiro, estava outro arco com as iniciaes V. V. P.

Tendo entrado o terreiro do Preposto, a maior parte do pessoal que a cavallo e em diversos transportes tinham ido esperar o illustre deputado, chegou elle emfim; e apeando do trem em que vinha, para abraçar no meio do terreiro seu extremoso pae, foi a custo, atravessando por entre a multidão, que de todas as partes o cercava, até chegar ao cimo das escadas para abraçar sua esposa, mãi, filhos, familia e pessoas de sua mais intima amisade, que alli o esperavam. Que estas derrambassem, como derramaram, copiosas lagrimas de jubilo, era cousa muito natural; mas eu as vi tambem derramar a muita gente do povo, que no terreiro estava, e que rompeu em enthusiasticos e repetidos vivas, logo que s. exc.ª entrou em sua casa. Depois serviu-se um lauto almoço a todas as pessoas que quizeram acceital-o, tocando sempre a musica o hymno do visconde de Pindella. A' noute, á hora do chá, e quando as salas estavam cheias de senhoras e cavalheiros, dedicados amigos, illuminando as avenidas do Preposto, fizeram tocar varias peças de musica no terreiro, em quanto um lindo fogo de artificio annunciava ao longe, com uma luz variada, este regosijo. Não posso calcular, nem aproximadamente, o numero das pessoas, que foram esperar o nosso visconde. Basta dizer que o Porto e Villa Nova de Famalicão tambem deram um contigente para este luzido e apparatoso cortejo. Rematarei com a ultima estrophe do referido hymno:

« Pesava sobre esta terra
« Divida muito avultada;
« Hoje está, quanto é possivel,
« Se não paga, confessada.

Guimarães 8 d'agosto de 1860.

EXTERIOR.

Folhas de Madrid de 6, de Pariz de 4, do Havre de 2, de Bruxellas de 3, e de Londres pelo paquete de 7.

São importantes as noticias de Napoles, onde agora os acontecimentos se precipitam, e onde a causa do rei parece desesperada.

Despachos de Pariz e Londres dão a noticia do desembarque, sem opposição, de 1:500 garibaldinos na Calabria. Garibaldi dirigia-se a Napoles, onde era chamado pelo comité revolucionario, para tomar a direcção superior do governo.

O facto do desembarque é muito para se acreditar; porque, segundo a «Independencia belga» alguns viajantes tinham visto em Messina os preparativos da expedicção.

Isto explica o armisticio tractado entre Garibaldi e o general Clary. Garibaldi subscreveu á suspensão das hostilidades, para não derramar inutilmente sangue em Messina, cuja sorte dependerá do que se passar na terra firme, e para se voltar para Napoles.

A sorte de Napoles e da dinastia de Francisco II vai decidir-se; e a declaração de Napoleão III, sobre o seu firme proposito de não intervir na Italia, deixam prever qual será.

Segundo a «Independencia belga», indicios muito vagos ainda, parecem estabelecer que tende a operar-se uma reapproximação entre as potencias do norte: a Prussia e a Russia d'uma parte, e a Prussia e a Austria da outra. Por um nada, se a Inglaterra fosse impellida a isso, nós poderiamos ver renascer a situação de 1840, quando os gabinetes de Londres, de Berlin, de Vienna e de S. Petersburgo, se ligaram contra o de Pariz.

Talvez que o receio das complicações d'uma tal situação, sugerissem a Napoleão o pensamento de tentar uma nova reapproximação, com lord Palmerston, salvo o voltar-se para a Russia no caso de ser mal succedido.

Porém a Russia antes de se compromelter, quererá garantias, e a unica que a França possa dar-lhe então — é um compimento com a Inglaterra.

Na camara dos communs, o governo inglez fugia a toda a explicação acerca da carta do imperador Napoleão. M. Hadfield, a proposito d'ella, manifestou a esperança de que o governo retirasse o projecto de fortificação!

A camara mostrou que não partilhava esta opinião, e sem pôr em duvida as excellentes disposições do governo francez, entendeu que não devia desistir das garantias de que julga dever cercar a segurança do

O «Morning-Post», orgão de lord Palmerston, publica um longo artigo que póde resumir-se no seguinte:

« A carta do imperador dissipará os receios dos alarmistas, que reconhecerão que o dia fatal não está ainda proximo. »

Isto denuncia que o governo inglez vê, no passo dado por Napoleão, apenas um addiamento de conflicto que mais tarde ou mais cedo tem de dar-se.

O primeiro comboio da expedição franceza é de 5:600 homens, dos mil dos quaes deviam embarcar em Toulon e 3.600 em Marselha.

Segundo o convenio o prazo fixado para a occupação é de 6 mezes.

Este curto praso não permittirá o restabelecimento da ordem, e o estabelecimento de garantias sólidas para a segurança dos christãos. E por isso muito de crer que a França, authorisando-se com a necessidade busque prolongar a occupação, e não será para estranhar que então se produza o conflicto que apenas se conseguiu addiar agora.

O «Daily News», orgão de lord John Russell, fallando ácerca d'uma politica commum da Inglaterra e França diz: « Seria prejudicar a causa da paz, despresar as garantias da nossa independencia, e a experiencia nos ensina que não devemos esquecer os interesses de bôa visinhança ao interesse d'uma alliança exclusiva. »

Esta linguagem é bastante significativa, e não carece comentarios.

No «Patrie» lê-se o seguinte ácerca dos acontecimentos de Damasco:

« Recebemos cartas de Beyrout até 23 de julho. O seguinte é o resumo do que ellas contêm. Em Damasco só uma parte da cidade, o bairro Maydan, comprehendendo perto de 200 casas escapou á destruição. Os christãos supportaram alli um cerco regular, e repelliram os seus assaltantes. Foram soccorridos por musulmanos do bairro, todos artistas, que viviam com elles nos termos mais amigaveis. A' excepção deste ponto, todas as casas dos christãos, os conventos e mosteiros foram todos destruidos. Os consulados inglez e prussiano foram respeitados, porque pertenciam a um proprietario turco. Um facultativo inglez e o chanceller e *drogman* do consulado russo foram mortos. Um numero consideravel de christãos acharam abrigo em casas pertencentes aos musulmanos de distincção. O comportamento de Abd-el-Kader foi acima de todo o louvor. Salvou todos os christãos que procuraram refugio em sua casa, e livrou um grande numero das proprias mãos de seus adversarios. Elle mesmo escapou em diversas occasiões de ser morto. Nem um só christão resta agora ou em Damasco ou em Baalbec. Aquelles de Hauran, região habitada por drusos e beduinos, foram todos massacrados. Houve tambem grande morticinio nas cercanias de Latakia e Nossairieh.

No Kesrouam, parte do Libano que fica situada entre Tripoli e Beyrout, reuniram-se os christãos que escaparam. São em força consideravel, e commandados por Joseph Karram, o chefe moço, energico e intelligente. Fuad-Pachá, logo que chegou a Beyrout, mandou ao emir Bechir Ahmed, o christão Kaimakan, e pediu-lhe uma narração de tudo que tinha tido logar, declarando que os authores dos crimes commettidos fossem severamente punidos. Fez tambem com que se distribuisse pão pelos refugiados christãos. O consulado francez distribue todos os dias 3,000 rações de viveres ás mulheres e creanças. As irmãs francezas de caridade e os jesuitas tambem soccorrem aquella desgraçada gente por todos os meios ao seu alcance. Aquelles christãos que procuraram refugio em Alexandria encontraram ahi a mais hospitaleira recepção das authoridades egypcias, do consulado francez, dos jesuitas e dos lazaristas! »

DESPACHOS TELEGRAPHICOS.

PARIZ 4. — Julga-se que amanhã sahirá de Toulon a esquadra destinada a operar na Syria.

O «Correio de Domingo» publica hoje as estipulações politicas do convenio assignado hontem, porém não se acreditaram as bases que publica o dito jornal.

Foi prohibida por causa das allusões politicas, a comedia de Ponsard «Ce qui plaia aux femmes». Causou muito barulho esta prohibição.

VIENNA 4. — Segunda feira terá logar a primeira sessão da grande commissão do conselho do imperio. Os membros hungaros d'este conselho redigiram uma memoria fundada sobre bases puramente federaes.

LONDRES 4. — O ministro annunciou nas camaras que a pedido da Porta ottomana se mandarão para a Syria 12:000 homens dos quaes 6:000 são francezes. A permanencia do corpo expedicionario na Syria não poderá exceder a seis mezes.

Mister Bright disse que esta intervenção não poderá produzir effeito algum.

Lord Palmerston tomou com calor a defesa da Turquia e dos progressos que fez ultimamente.

TURIN 4. — Dizem de Messina que desde que os napolitanos embarcaram os garibaldinos continuam occupando a cidade e que se acreditava imminente o desembarque de Garibaldi na terra firme.

CONSTANTINOPLA 4. — Ahmet-Pachá, governador geral da provincia de Damasco, e commandante em chefe do exercito do Arabistan, chegou aqui e foi degredado immediatamente, mandando-o em seguida para a Syria para ser julgado. Está preso Kureid-Pachá, governador geral de Beyrouth.

PARIZ 6. — O «Constitucional» publica hoje um despacho, segundo o qual 1:500 voluntarios garibaldinos desembarcaram sem opposição na Calabria, e esperava-se proximamente em Napoles Garibaldi, chamado pela commissão revolucionaria.

PARTE COMMERCIAL.

ALFANDEGA DO PORTO.

Receita d'alfandega de 1 a 9 de agosto ..... 48:864$090
Idem em 10 ..... 7:352$425
56:216$515

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO.

AGOSTO, 10.

RIO DE JANEIRO. — Na galera Castro 2.º, J. Rodrigues Pinto, 460 ancoretas com azeitonas; Castro Silva & Filho, 30 duzias de taboado de pinho.

IDEM. — Na barca Silencio, J. A. Vellosa, 1 caixão com rozeiras; A. F. Meneres, 69 vol. com 10 e meia pipas de vinho; Assenção & Santhiago, 7 vol. com retroz.

IDEM. — Na barca Monteiro 2.º, M. F. Duarte, 1000 resteas de cebolas.

PERNAMBUCO. — Na barca Sympathia, Vieira da Cruz & Machado, 9 caixões com soleiras de pedra.

PARÁ. — Na galera Cidade de Belem, J. A. Lima, 6 vol. com louça; M. J. T. P. Leão, 1 barril com carne de porco, 1 dito com azeitonas e meia pipa com vinho; A. V. Velho, 16 barricas com cebo em pão; L. J. de Brito Barreiros, 15 barris com presuntos; D. J. Lopes da Silva, 56 vol. com 10 pipas de vinho; J. A. da Rocha Sobrinho, 1000 ripas.

RIO GRANDE. — Na barca Flor de Villa do Conde, D. Balbina C. da Costa, 93 caixões com vinho engarrafado; J. Pinto Gordo, 1 caixão com azulejos; J. F. Rios, 4 vol. com ferragens.

LIVERPOOL. — No vapor Cintra, F. Lopes Cathuruo, 50 caixas com cebolas, 500 resteas de ditas e 30 caixas com maçãs; R. J. Reid, 33 saccas com lã; J. Cassels, 16 saccas com dita; Sandeman & C.ª, 61 vol. com 45 pipas de vinho, 19 caixões com dito engarrafado, 10 caixas com cebolas e 1 dita com doce; A. C. Navarro, 20 saccas com lã; D. M. Feuerheerd Junior & C.ª, 100 meias caixas com cebolas e 60 caixões com rolhas; Stephen Whistler, 6 pipas com vinho; A. T. Glama, 20 canastras com maçãs.

LONDRES. — No brigue William, Maria M. de Oliveira Costa, 100 caixas com cebolas.

IDEM. — Na escuna James Chadwick, S. A. Martins, 250 caixas com cebolas.

LEITH. — Na escuna Daniel, Sandeman & C.ª, 5 vol. com 9 pipas de vinho, 13 caixas com cebolas e 8 vol. com doce de fructa secca.

HAMBURGO. — Na escuna Worwarts, D. M. Feuerheerd Junior & C.ª, 12 saccos com rolhas.

MANIFESTOS.

C. M. 619 — Lisboa. — Vapor Lisboa, 296 ton., cap. Contente, a A. Miller & C.ª, carga: 214 vol. com fazendas, ferragens, tabaco, dinheiro, farinha e encommendas.

C. M. 620 — Figueira. — Hiate Constante, 130 ton., mestre Henriques, a Daniel & Irmão, carga: 200 quintaes de cortiça, 6 saccos com trigo e 20 barcos de pedra de cal.

C. M. 621 — Setubal. — Hiate Oliveira Brilhante, 68 ton., mestre Pereira, a Marcelino, Fins & C.ª, carga: 140 moios de sal, 26 saccos com arroz e 1 cartola com azeite de peixe.

C. M. 622 — Bahia. — Polaca braz Pernambucana, 292 ton., cap. Roza, a A. A. da Cunha & C.ª, carga: 252 vol. com saccos, e barricas de assucar, 1200 molhos de piaçava, 63 couros, 12 saccos com ticum, e 2 barricas com farinha.

Além do manifesto, 37 vol. com diversas mercadorias.

C. M. 623 — Pernambuco. — Brigue S. Manoel 1.º, 194 ton., cap. Soares, a M. J. M. Braga, carga: 1060 vol. com assucar, 20 vol. com doce, 8 garrafas com aguardente, e 11 vol. com diversas mercadorias.

Além do manifesto, 8 vol. com diversas mercadorias, 5 papagaios e 1 saguim.

COMPLETA DESCARGA.

AGOSTO, 10.

RIO DE JANEIRO. — Barca Limo, cap. Silva.
SETUBAL. — Hiate Dourado, mestre Silva.

TERMOS DE CARGA.

AGOSTO, 10.

FIGUEIRA. — Hiate Bom Jesus de Fão, 76 ton., cap. Souza.
BUENOS AYRES. — Brigue Harmonia, 218 ton., cap. Santos.
LISBOA. — Vapor Lusitania, 329 ton., cap. Contente
HAVRE. — Hiate Tres Gracas, 124 ton., cap. Ferreira.

GENEROS DESPACHADOS PARA CONSUMO.

AGOSTO, 10.

Assucar — 2 caixs., 10 feixos e 277 saccos.
Café — 47 saccos.
Farinha de pau — 1 barrica.
Doce secco — 62 arrateis.
Aguardente estrangeira — 2 pipas.
Algodão em rama — 33 saccos

MOVIMENTO DOS VINHOS E AGUAS-ARDENTES.

AGOSTO, 10.

Manifestado para deposito.

	P.	A.	C.
Aguardente	6	4	6

Despachado para consumo:
No Porto.

	P.	A.	C.
Vinho maduro	47	1	9
Dito verde	8	1	6

Despachado para exportação.

	P.	A.	C.
Vinho	79	16	1

MERCADOS NACIONAES.

PORTO, 11 DE AGOSTO.

Farinha de milho	460 a 480
Trigo da terra	800 a 800
» serodio	840
» barbella	700 a 730
» hamburguez	920 a 940
» d'America	940 a 960
Feijão branco	630 a 640
» vermelho	580 a 600
» rajado	480 a 500
» fradc	440 a 450
» amarello	550
Milho	420 a 440
Centeio	450 a 460
Cevada	320 a 340
Batatas (arroba)	240
Azeite novo	58000 a 58050

PARTE MARITIMA.

PORTO, 11 DE AGOSTO.

Ás 11 E MEIA HORAS DA MANHÃ.

Fica fóra da barra:
Uma galera franceza.
O vento é N. (brando) e o mar bom.

Até esta hora sahiram: barca Monteiro 2.º (a reboque), brigue ing. James Chadwick, hiate Lealdade; e entraram: rasca Janota, procedente da Figueira e o hiate P. Segredo, d'Aveiro.

Hontem ás 7 horas e 10 minutos da tarde passou do N. para o S. o vapor paq. ing. Sultan, deixando a mala e 6 passageiros.

PORTO, 10 DE AGOSTO.

ENTRADAS.

S. MIGUEL, 11 dias. — Hiate Cruz 8.º, mestre Amaro, barro e Antonia P. da Cruz.
LISBOA, 1 dia. — Vapor Lusitania.

SAHIDAS.

AVEIRO. — Rasca Flor do Porto, mestre Barros, lastro.
NEW-CASTLE. — Galera Flor do Porto, cap. Santos, lastro.
BRISTOL. — Escuna ing. Eliza, cap. Jenkins, vinho e fructa.
HAMBURGO. — Galeota hanov. Vorwarts, cap. Carlens, vinho e outros generos.

Telegraphia electrica.

[Dirigido á Associação Commercial.]

LISBOA, 9 DE AGOSTO.

ENTRADAS.

NEW-CASTLE, 6 dias. — Vapor ing. Adelia.
S. MIGUEL, 12 dias. — Patacho Segredo.

SAHIDAS.

LONDRES. — Brigue ing. Sarah Ann.
MARSELHA. — Patacho ing. Europa.
LEITH. — Vapor paq. vcoriano.
PORTO. — Vapor Lusitania.
GIBRALTAR. — Vapor ing. Adelia.

IDEM, 10.

ENTRADAS.

S. NAZAIRE E VIGO, 8 dias. — Vapor paq. fr. Ville de Malaga.
LONDRES, 7 dias. — Vapor paq. ing. Derwent.
SWANSEA, 9 dias. — Rasca Favorita.
S. MIGUEL, 12 dias. — Hiate Rio Douro.
PORTO, 14 horas. — Vapor Lisboa.
HOLY-SEAD, 6 dias. — Nau a vapor ing. Orion

SAHIDAS.

ALGARVE. — Vapor paq. D. Luiz.
S. MIGUEL. — Brigue Alfredo.
—— Nau a vapor ing. Orion.

ANNUNCIOS.

SILVERIO Alves da Costa, da freguezia de Santo Adrião, do concelho de Armamar, ao pé de Lamego, faz publico que se acha habilitado para curar da molestia — surdez — por isso convida a todas as pessoas que queiram utilisar-se do seu prestimo, a comparecer em Braga, na rua dos Biscainhos, casa n.º 21, aonde só se demora nos dias 18 e 19 do corrente, e de lá volta ao Porto aonde se demorará nos dias 27 e 28 do corrente, na Ribeira n.º 15 a 17. [1739]

NA botica de José Custodio Monteiro, na Regoa, precisa-se de um ajudante de pharmacia que tenha pelo menos 3 ou 4 annos de pratica.

Quem estiver nas circumstancias dirija-se na Regoa á casa indicada ou no Porto ao snr. Bernardo José Ferreira de Souza, rua de Santa Thereza n.º 9. [1698]

ALUGAM-SE no Douro, na freguezia da Folgosa uns grandes armazens na lotação para cima de 800 pipas com grandes toneis, lagares, tanoarias, e mais pertenças: a quem os pertender póde fallar no mesmo armazem ou no Porto na rua de Santo Antonio do Penedo n.º 29. [1319]

NA LIVRARIA
DE
JACINTHO A. PINTO DA SILVA,
Rua do Almada n.º 134,
VENDEM-SE

A Luz do Cemiterio, romance	240
A Luz do Cemiterio, romance	240
Os Mohicanos de Pariz, 4 vol.	1$200
A Guerra das Mulheres, por A. Dumas	400
Saldo de contas á meia noite, por A. Dumas	240
A Filha dos Reis, em continuação do Saldo de contas	240
Historia Universal, por C. Cantu, com lindas litographias, 12 volumes encadernados	24$000 [1740]

Aos proprietarios e inquilinos.

CONTRACTOS DE ARRENDAMENTO — OBRIGAÇÕES DE DIVIDA — IMPRESSOS PARA REPARTIÇÕES DE FAZENDA.

VENDEM-SE na livraria de Jacinthoo A. P. da Silva, rua do Almada n.º 134. [1741]

Villa Nova de Famalicão.

JOAQUIM José Dias Fernandes e Antonio Joaquim Fernandes, muito agradecem aos seus amigos o obsequio que lhe fizeram de acompanhar ao seu ultimo repouzo os restos mortaes de seu presado irmão Francisco Joaquim Fernandes, e de novo lhe rogam o favor de assistirem á missa do septimo dia, que se ha-de celebrar por sua alma na igreja matiz d'esta villa, no dia 13 do corrente, pelas 9 horas da manhã, por cujo favor lhe ficarão eternamente agradecidos.

Villa Nova de Famalicão 10 de agosto de 1860. [1742]

ACHA-SE aberta na villa de Mathosinhos, rua Direita n.º 1, uma CASA DE PASTO, que offerece aos concorrentes comida com asseio, bom serviço, tudo pelos preços mais commodos possiveis. [1743]

EM o dia 28 do corrente mez de agosto, pelas 9 horas da manhã, tem de se arrematar na alfandega de Villa do Conde, a requisição do agente consular de França, na mesma villa, 242 arrobas e 10 arrateis de enxofre em bruto, que fazia parte do carregamento do brigue francez «Alfred» naufragado em abril d'este anno na praia da Aguçadoura, e bem assim os objectos e carga do mesmo navio, que se acham ainda no mar. [1744]

QUEM achasse um cãosinho branco felpudo com o focinho rapado, e o restituir na Quinta do Pinheiro, receberá alviçaras. (1745)

MADAME GALIANO.

TEM igual estabelecimento em S. João da Foz, rua da Senhora da Luz n.º 83, constando de chapéus de seda e palha para senhora, de menino, menina e homem, calçado de Lisboa e muitos outros artigos de modas, tudo por preços commodos. (1266)

PERDEU-SE no dia 5 do corrente na Foz, um cãosinho branco de raça hespanhola que dá pelo nome de *Lynce*: quem o achar póde entregal-o no passeio Alegre n.º 27 onde receberá boas alviçaras. [1686]

VENDE-SE a propriedade da rua dos Caldeireiros n.ºs 6 e 8: trata-se com João José d'Almeida, na rua Duqueza de Bragança n.º 9, ou com o dr. Guilherme Augusto de Souza, na rua de Santa Catharina n.º 255. [1689]

QUEM quizer comprar a grande quinta denominada do Paço, com casas de habitação pomares, terras de cultura e de matto, e lameiros, e com mais um fôro de doze medidas de milhão, sita no lugar de Yaguim do Monte da freguezia de Rio Tinto, falle com o snr. Joaquim José de Souza e Silva no escriptorio do escrivão Lessa, largo da Trindade. (657)

VENDEM-SE e fazem-se transparentes e oleados por preços modicos, na rua de S. Lazaro n.º 531. (711)

VENDE-SE uma morada de casas com escriptorio, loja e 3 andares, bem constituida e nova, bem repartida, sita na rua do Rozario n.ºs 105 a 109, tem grande quintal e jardim, agua de poço em todos os andares; franqueia-se esta casa aos pretendentes em todos os dias das 8 ás 10 horas manhã, e do seu preço tracta-se com José Pereira da Fonseca, na rua de Santo Ildefonso n.º 81 aonde se acham os titulos. (1669)

Praça do Commercio

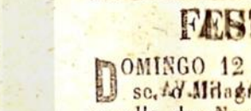
ALUGAM-SE juntos ou separadamente dous grandes escriptorios no edificio da Associação Commercial, onde tem estado o Banco Mercantil, com frente para a rua de D. Fernando 2.º, e bem assim alguns outros no 1.º e no 2.º andar. Na secretaria da mesma Associação dão-se os esclarecimentos. [1425]

FESTIVIDADES.

DOMINGO 12 do corrente ha-de festejar-se, o Milagroso Martyr S. Sebastião, na capella de Nossa Senhora do Ferro, sita na rua Escura.

EM o dia 15 do corrente, ha-de festejar-se a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Esperança, havendo no fogo preso e musica regimental e no dia de tarde uma ladainha e musica.

NO dia 15 do corrente tem de festejar-se, nos Carvalhos, a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Saude, na sua capella do pitoresco monte do Morado, d'onde se disfructa o que ha de mais agradavel á vista, não só porque se descobre uma grande extenção de mar, mas tambem pela sua bella posição. E' esta uma festividade que está sendo muito concorrida pela pompa e abrilhantamento que n'estes ultimos annos tem apresentado, e pelos grandes melhoramentos e obras feitas na capella, o que tudo é devido aos innumeraveis milagres que Nossa Senhora tem feito áquelles que tem implorado a sua protecção. A distancia que ha do largo dos Carvalhos á capella, é talvez menor do que a igreja onde se festeja o S. Bento. [1723]



RAIMUNDO dos Santos Natividade com seu estabelecimento de trens na rua da Cancella Velha, faz publico por este annuncio, a todos os seus amigos e freguezes, que aluga coupés para banhos a 1$200 sendo em tudo muito bem servidos. (1732)

QUEM pertender alugar junto ou separado, a bella quinta e casa para numerosa familia, e agua, no Março, em Villa Nova de Gaya, com boas vistas, falle na mesma ou n'esta cidade com João do Nascimento Oliveira Guimarães, rua de S. João n.º 122. (1733)

PRECISA-SE de uma criada que saiba cosinhar e engommar, e que tenha para mais de 30 annos de idade.

A quem convier e dér abonações á sua conducta procure na Foz, na rua da Luz n.º 63 A. (1734)

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DO CORREIO DO PORTO.

POR esta administração se annuncia que no dia 17 do corrente, ao meio dia, se tomam lanços n'esta administração para a conducção diaria das malas entre esta cidade e Amarante, com as condicções que n'esse acto estarão presentes. As pessoas que pertenderem arrematar a referida conducção, devem comparecer no dito dia e hora indicado.

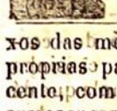
Porto 10 de agosto de 1860.

O administrador,
Manoel Joaquim Lobo.
(1737)

BOIOS NOVOS de raça ingleza vindos ha pouco de Inglaterra, raça muito fina e grande.

Quem precisar póde-os ver no Candal, ao pé da capella, em casa do snr. Manoel Pereira, ou informar-se na rua dos Inglezes n.º 23 (antes n.º 57). [1738]

ANTONIO Joaquim Garcez e João Vicente Domingues, não podendo agradecer pessoalmente a todos os ill.mos snrs. que honraram com sua assistencia o responso de sepultura que teve lugar na parochial igreja de S. Pedro de Miragaya, na noute de 2 do corrente, por alma de sua esposa e sogra D. Clementina Roza Garcez, o fazem por este meio significando a todos sua eterna gratidão e reconhecimento. [1721]



ALUGAM-SE duas moradas de casas na rua Formoza, defronte do mercado do Bolhão; tambem se alugam em separado os baixos das mesmas, com lojas de duas portas, proprias para qualquer estabelecimento decente, com commodos para familia e com armazens para recolher vinho, azeite, etc., etc.: tem quintal e agua, e sahida para a Viella das Pombas. Falla-se na rua de Santa Catharina n.º 117. [1724]

VENDE-SE uma bella quinta, sita na estrada da freguezia de Villar de Paraiso, concelho de Gaya, distante d'esta cidade uma legua; é toda morada, com casa nobre, jardim, cocheira, cavalhariça, palheiro fora, lameiro, terras de semiadura, a qual é dizima a Deus. Tracta-se com o capitão Abreu, de infantaria 6, largo dos Martyres da Patria n.º 133. [1725]

ATTENÇÃO

Sabão inglez de superior qualidade

A 65 RS. POR ARRATEL E POR ARROBA A 1$920.

Rua de S. João n.º 119.
(1709)

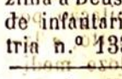
Leilão de dia e de noite.

DESDE AS 11 HORAS DA MANHÃ ATÉ ÁS 10 DA NOITE.

BAZAR E CASA DE LEILÕES
Rua do Almada n.º 357 a 363.

DIRECTOR E PROPRIETARIO DO MESMO ESTABELECIMENTO
MANOEL JOSÉ FERREIRA PINHEIRO.

NO sabbado 11 do corrente, haverá leilão de muitos differentes objectos existentes no dito Bazar. (1730)



VENDEM-SE duas moradas de casas juntas ou em separadas, sitas na rua 29 de Setembro, hoje de S. Lazaro, n.os 71 a 83, sendo uma de um andar nova e outra terreo, com bom quintal, ramada e poço. Quem as pertender póde fallar na rua de S. João n.º 110. [1642]

CAFÉ DA AGUIA D'OURO.

Largo de Santo Ildefonso n.os 30 e 31.

NESTE estabelecimento recebeu-se pelo vapor *Aurora*, de Londres, uma grande porção de cerveja preta e branca—ALLSOP'S PALE ALE—que vende por

Garrafa 180 rs.—Meia garrafa 90 rs.

Tem tambem vinhos francezes:

Champagne 1$200 rs. a garrafa—Meia dita 600 rs.—Chateau Lafite 1$600 rs.—Chateau Margeaux 1$500 rs.—Chateaux Lagrange 1$000 rs.—Saint-Julien 800 rs.—Xarope de morangos 800 rs.—de Frambroise 960 rs.—Coignac superior 1$440 rs.—Rhum 1$500 rs.—Genebra inglitima de Hollanda 720 rs.—Aguardente de cana do Paraly 600 rs.

Tem tambem de todos os vinhos nacionaes de superior qualidade, brancos e tintos do reino e da madeira por preços rasoaveis, bem assim licores de todas as qualidades e por preços commodos.

NA FOZ, RUA DA LUZ N.º 84, EXISTE UM DEPOSITO DOS MESMOS GENEROS. (302)

CHÁ HYSSON

DE superior qualidade a 800 réis e 960 o arratel; vende-se na Rebeleira n.º 41, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde. [1712]

CHÁ HYSSON

ALVES, nos Clerigos n.º 42, continúa a vender chá muito bom de 800 e 960 réis o arratel. [1677]

VENDE-SE uma fabrica ou torno de torcer seda e algodão, e uma boa prensa de prensar algodão, que se mostrará a qualquer hora do dia, na rua do Almada n.º 176 e 177, e se tracta do ajuste na rua da Assumpção n.º 19, defronte dos Clerigos. (1717)

EM frente do Postigo dos Banhos, vende-se uma lancha propria para navios: tracta-se na barraca de Medição, no mesmo local, com Francisco de Mello Abreu. (1701)

ALUGA-SE a loja e o 1.º andar da casa n.º 4 a 6, sita no largo da Feira (aos canhos): tracta-se na casa immediata n.º 1 a 3. [1681]

QUEM quizer comprar uma americana para quatro pessoas, com 4 rodas, que serve para um ou dous cavallos e que dá bom commodo, póde fallar com o Augusto, forrador na rua de Entre-Paredes. [1574]

NA rua de Bellomonte n.º 99, continúam a vender-se castilhos de patente de 1.ª e 2.ª qualidade. [1460]

FLOR D'ENXOFRE FINO.

Congostas n.º 37.

(1697)

FLOR D'ENXOFRE

QUALIDADE SUPERIOR

C. RODRIGUES BATALHA

Rua de Bellomonte n.º 53.
(1671)

FLOR D'ENXOFRE

Bateria do Terreiro n.º 4.

F. Chamico, Filho & Silva

TEM para vender flôr d'enxofre em barricas da mesma superior qualidade que tanta aceitação encontrou o anno passado, a preços muito reduzidos. (1099)

NA rua de S. João n.º 34 e 36, vende-se flor d'enxofre do acreditado fabricante Brandrams, garrafas proprias para engarrafar vinhos, e cabos e ensarcias usados, por preços commodos. (1571)

Vinho verde superior.

VENDE-SE na loja de peso da rua do Rezario n.º 141, por pipa, e a 70 rs. o quartilho. (1407)

Na rua das Congostas n.º 1 a 3 se vendem vinhos estrangeiros engarrafados e portuguezes, assim como espiritos:

VINHO	ESPIRITOS
Sauterne	Cognac
Hock	Rum
Chablis	Gin
Claret	Whiskey
Port	Hollands
Sherry	—
Champagne	Soda Water

Cerveja ingleza preta de Barclay Perkins & C.º, Guinepes & C.º e cerveja branca de Allsopps & C.º a 80 rs. por meia garrafa. (1252)

ALUGAM-SE os altos de uma casa com muitos commodos, na rua Nova de S. João; quem os pertender dirija-se ao largo de S. Domingos n.º 93. (1718)

Domingos Dias de Freitas & Irmãos.

RUA DE SANTO ANTONIO N.º 65.

(AO PÉ DO THEATRO BAQUET).

RECEBERAM sortimento de *port-monais*, charuteiras, jarras de porcellana, frascos para vinho, bengallas, saccas de noite e viagem, espanadores, oculos para theatro, livros de missa e outras muitas quinquilherias diversas; tambem teem dous serviços de louça fina hamburgueza de jantar, dous de almoço e dous de lavatorios, que vendem por preços favoraveis.

Os mesmos alugam um armazem que leva 300 pipas de vinho, nos baixos da sua casa, com entrada pela Viella da Netta. (1719)

AFINADOR DE PIANOS

MARCHETTI.

RUA DE SANTO ANTONIO, CASA DE JULIA.

Afina e concerta pianos, harpas, violoncellos, rebecas e todos os mais instrumentos de corda.

SENDO o piano um dos instrumentos de mais difficil e melindrosa afinação, não só para a boa conservação do instrumento, mas tambem para a perfeita igualdade dos tons, o annunciante, no longo tempo em que trabalhou nos melhores armazens de pianos de Pariz, se dedicou a esta especialidade. (1298)

Chapeus de palha

VENDEM-SE no largo dos Loyos n.º 87. (1429)

Casa para alugar

ALUGA-SE na rua de S. Miguel a casa nova e bem acabada n.º 15 e 17, que tem commodidades para grande familia, e bom escriptorio para commercio, boas vistas para o rio, e Villa Nova de Gaia, quintal para jardim e sahida tambem para a rua de S. Roque e escadas da Esnoga: na mesma se tracta do ajuste do aluguer. (1612)

Abatimento de 50 por cento

A Livraria franceza e nacional, rua do Laranjal, n.os 13 a 20, acaba de receber da Italia um grande sortimento de musica para instrumentos e canto, que vende com o desconto de 50 por cento ficando assim reduzidos os preços dos catalogos a 100 rs. por franco. Pela mesma occasião recebeu tambem uma porção de cordas para rebeca e papel de musica pautado á italiana e á franceza de 16, 18, 20, 24 e 30 linhas. (1546)

Vinagre puro de vinho

VENDE-SE na rua das Congostas n.º 88, por almude a 3$000 réis, e canada a 300 réis. Dito clarificado muito superior a 200 réis a garrafa. (1635)

ATTENÇÃO

ALUGA-SE os altos da casa na rua das Flores n.º 56 a 60, com commodos para uma grande familia e bonitas vistas para Villa Nova de Gaya: falle nos Clerigos n.º 1 a 7. [1722]

ANNA Joaquina moradora na rua de Almada n.º 295, continúa a inculcar criados, criadas e amas de leite. [1714]

VENDE-SE uma propriedade de casas, sitas na travessa de S. Nicolau n.º 14, com duas lojas, tres andares, outro andar mais retirado e por cima um mirante que descobre tudo: quem a pertender falle na mesma casa com D. Anna Luzia Pontes. (1273)

Oleados para cobrir mezas

J. C. Estrella, praça de D. Pedro n.º 32, acaba de receber da Alemanha oleados proprios para cima de meza e commodos com lindas pinturas chinezas que vende por preço rasoavel. (1695)

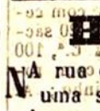
QUEM quizer comprar uma morada de casas na rua do Bomjardim n.º 591 falle na mesma casa. (1443)

HOSPEDAGEM

NA rua do Laranjal n.º 45 e 46 aluga-se uma sala decentemente mobilada e com todas as commodidades precisas para uma pessoa, havendo na mesma casa quem se encarregue de cosinhar, lavar e engommar, e prestar todo o serviço de que necessite. [1618]

TRESPASSA-SE uma loja toda envidraçada que serve para qualquer negocio na rua da Porta de Carros, agora Bomjardim, por baixo da Hospedaria Real, n.os 15 e 16: tracta-se na mesma. [821]

NO estabelecimento da Praça de D. Pedro n.º 25, continúa a vender-se chitas e cassas legitimas francezas, e outras muitas fazendas proprias para vestidos; assim como pannos, casimiras e toda a qualidade de fato feito, que tudo se torna recommendavel pelos seus resumidos preços. (1606)



ALUGA-SE a casa da Fazendinha, sita no caes de Gaia em frente da Porta Nobre. Tem commodos para uma numerosa familia; agua de bica e quintal sobre o caes: quem a pretender falle com Antonio Caetano Rodrigues, no Monte dos Judeus n.º 19. (1703)

ANNUNCIOS MARITIMOS.

Para Lisboa.

O vapor LUSITANIA, commandante Contente, sahirá para Lisboa 2.ª feira 13 de agosto ás 5 horas da tarde.

No escriptorio do dito vapor tomam-se riscos sobre fazendas a 3 oitavos p. c. e dinheiro a um quarto por cento.

Para carga e passageiros tracta-se com A. Miller & C.ª, rua Nova dos Inglezes n.º 73, 1.º andar. (* *)

Para Londres

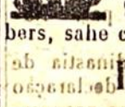
A escuna sueca = EBBA FREDERIKA, = classificada no Lloyds e de 104 toneladas, capitão E. O. Norberg, sahe com toda a brevidade. [1727]

Para Gothemburgo, Copenhague e Stockolmo.

A sahir com muita brevidade a escuna sueca = BALDER, = de 110 toneladas, capitão E. N. Landstron. (1715)

Para S. Petersburgo

(A CIDADE)



A escuna hollandeza = ANNA = classificada no Lloyds A1 e de 90 toneladas, capitão E. A. Albers, sahe com muita brevidade. (1650)

Para Glasgow

A escuna ingleza = ESTREMADURA, = A1 no Lloyds e de 90 toneladas, capitão W.m Cook, sahe com toda a brevidade. [1651]

Para Stockton e Leith.

A escuna ingleza = DANIEL, = capitão John Edwards, sahe com toda a brevidade por ter a maior parte da carga prompta. [1391]

Para Sunderland e New-Castle.

Sahirá com toda a brevidade a escuna ingleza = CLARENCE, = A1 no Lloyds, 56 toneladas, capitão George R. Cox.

Consignatario **Carlos Coverley**, rua Nova dos Inglezes n.º 15. [1497]

Para Leith

(AUTUMN VESSEL).

O brigue inglez = BETSY, = capitão John Mansum. [1558]

Para Bristol

(AUTUMN VESSEL).

A escuna ingleza = ALARM, = capitão John Thele. (1559)

Para Londres.

A sahir em poucos dias o brigue inglez = WILLIAM, = capitão Biggs.

Consignatarios **A. Miller & C.ª** rua Nova dos Inglezes n.º 73. (1570)

Para o Rio Grande do Sul

A barca = FERNANDES 1.º, = capitão Fernandes, sahirá com muita brevidade. Para carga e passageiros tracta-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua dos Inglezes n.os 30 e 32, ou com o capitão a bordo. [1736]

Para Pernambuco.

Sahirá no dia 23 do corrente mez de agosto a muito veleira barca = SYMPATHIA, = de 1.ª classe; para carga e passageiros tracta-se com Manoel Gualberto Soares, rua de Bellomonte n.º 77. (1436)

Navios á carga.

Para New-York. O palhabote = PERTENDIDO.

Para Lisboa. O hiate = DUARTE 1.º =

Para a Figueira. Os hiates = DOUS AMIGOS 2.º = e = CONSTANTE.

Para Setubal. Os hiates = DOURADO = e = NOVO FELIZ.

e = NOVO FELIZ.

A sahirem com brevidade. Para carga e passageiros tracta-se com Daniel & Irmão, em Cima do Muro n.os 149 e 150. (1735)

Para a Figueira.

O hiate = BOM JESUS DE FÃO; = quem no mesmo quizer carregar dirija-se a Marcellino, Fins & C.ª Cima do Muro n.os 185 e 186. (1704)

Para a Figueira.

O hiate = SERRA 1.º; = quem no mesmo quizer carregar dirija-se a Marcellino, Fins & C.ª, Cima do Muro n.os 185 e 186. (1705)

Para Montevideu e Buenos Ayres.

O brigue = HARMONIA, = classificado em 1.ª classe, capitão F. R. dos Santos. Deve sahir até 20 de agosto. Caixa Carlos Brandão, rua das Taipas n.º 29. [1729]

Para Hamburgo.

A galeota hanoveriana = VOLTWARTS, = capitão D. F. Carsteus, sahirá com brevidade. Consignatarios D.ch Mathias Feuerheerd Junior & C.ª (1487)

Para o Rio de Janeiro

A galera = LINDA DE BEIRIZ, = capitão Corrêa, sahirá com muita brevidade: para carga e passagens tracta-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua dos Inglezes n.º 29 e 30. (1692)

Para o Rio de Janeiro.

TOCANDO EM PERNAMBUCO.

A galera = OLINDA, = capitão Emigdio José de Oliveira, sahe com brevidade. Para carga e passageiros tracta-se com Manoel José Monteiro Braga, rua das Oliveiras n.º 46, ou com o capitão a bordo. (1688)

Para o Rio de Janeiro.

A nova galera = CASTRO 2.º = de 1.ª classe, sahirá com muita brevidade: para carga e passageiros tracta-se com Castro Silva & Filho na rua Nova dos Inglezes n.º 10 e 11. (1414)

Para o Rio de Janeiro.

A sahir com brevidade a barca = LIMA 1.ª = capitão Manoel José de Santa Anna; para carga e passageiros tracta-se com José Joaquim Barboza Lima, na praça de Santa Theresa n.º 58, ou com o capitão a bordo. [1716]

Para Pernambuco.

O brigue = ESPERANÇA = sahe com brevidade: recebe carga e passageiros; tracta-se com Soares & Irmão, na rua das Hortas n.º 146. (1604)

Para o Pará.

A barca = AMAZONA, = capitão Leite Junior, vai sahir com muita brevidade; recebe carga e passageiros a tractar com Pinto & Rocha, largo de S. João Novo n.º 2. (1311)

CARREIRA REGULAR

De navios portuguezes

ENTRE

HAVRE, LISBOA E PORTO

COM

PARTIDAS FIXAS.

AVISO.

Faz-se saber aos interessados que o frete dos volumes transportados do HAVRE a LISBOA e PORTO nos navios d'esta carreira fica estabelecido d'ora avante a 3$000 réis por metro cubico, *preço inalteravel*, haja ou não navios a carregar em concorrencia.

As partidas dos navios d'esta linha continuam sendo:

Para o PORTO nos dias = 15 = de CADA MEZ.
LISBOA » » = 30 = » »

Além das partidas mensaes, haverá partidas extraordinarias e *quinzenaes* todas as vezes que o interesse dos carregadores o reclame.

CONSIGNATARIOS no PORTO em LISBOA } J. B. de Castro & C.ª
» no HAVRE M. J. de Azevedo
Rua d'Orleans n.º 109. (1646)

Responsavel M. S. Carqueja.

TYP. DO COMMERCIO DO PORTO.
Rua da Ferraria de Baixo n.º 108.